

Atos e Fatos

Habitação popular: há dinheiro mas falta vontade política

É evidente a inexistência de vontade política. E se ela existe estará sendo preservada, guardada em algum bolso de colete governamental, para futuras e oportunistas negociações políticas: o conhecido toma-lá-dá-cá do jogo de poder dessa velhíssima República.

Porque se efetiva vontade política houvesse, dirigida corajosamente para soluções reais, as coisas seriam diferentes. Ao menos já se falaria em praticar uma política habitacional destinada a atender a baixa renda.

Construtores não têm dúvidas. Afirmam que há dinheiro e há regras de financiamento. E dizer que existe demanda é apenas sacramentar o óbvio, conforme argumenta Hugo Marques da Rosa, vice-presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção.

A partir do decreto 2 291, de novembro de 1986, que extinguiu o BNH (na prática, ele já havia sido extinto por sua própria inoperância ou desvios do caminho original para favorecer a média e alta renda), o governo adotou 21 medidas.

São medidas de sobra, tomadas através de decretos, resoluções e circulares, que alteraram, regulamentaram ou esclareceram normas do Sistema Financeiro da Habitação (SFH). Elas só não mudaram a realidade da carência de habitação para a baixa renda. Esta continua, como sempre continuou, entregue à própria sorte.

O aumento da favelização, o empobrecimento das periferias, as invasões de lotes urbanos etc. são dados cotidianos ilustrativos dessa realidade.

Em recente declaração formulada durante o congresso da União Internacional de Arquitetos, na Inglaterra, os arquitetos reconhecem: os métodos de planejamento e construção adotados nos anos 1960 e 1970 em várias regiões do mundo para proporcionar moradias populares falharam.

E se falharam cabe, entre nós, uma reavaliação dos erros cometidos para se partir para outras soluções. Com vontade política.

Um dos erros comumente lembrados tem sido o paternalismo. Os pobres são vistos como um mal necessário, um peso que, no mínimo, precisa ser tolerado.

Veç ou outra o governo condescendentemente lhes faz alguns favores, promovendo investimentos para moradias cujo pagamento compromete a vida, o futuro e o trabalho do mutuário e de suas próximas gerações.

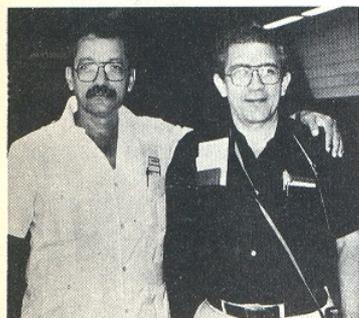
A arquiteta Ermínia Maricato, em seu livro Política Habitacional no Regime Militar, lançado no mês passado pela Editora Vozes, diz que a ilegalidade, a irregularidade ou a clandestinidade que marcam o ambiente de residência da classe trabalhadora têm a conivência do Estado.

Ela afirma: "Essa conivência é a única forma de viabilizar também a política habitacional oficial...". É uma política que tem beneficiado a alta renda, promovido a reprodução dos capitais da indústria da construção e do financiamento imobiliário, e que tem deixado a baixa renda a ver navios.

Anote

Jorge Glusberg, coordenador do projeto Arquitetura Utópica, da XIX Bienal Internacional de São Paulo, está entusiasmado com os resultados que a mostra alcançará. É entusiasmo compreensivelmente justificado. Afinal, entre os convidados se encontram Henri Ciriani, Josef Kleihues, Cesar Pelli e vários outros, incluindo o brasileiro Éolo Maia.

A Federação Pan-Americana de Arquitetos começa a mobilizar seus quadros tendo em vista o XVIII Congresso Pan-Americano de Arquitetos a realizar-se de 14 a 19 de maio próximo em Havana.



Júlio Salgado e Pedro Galeano.

A propósito, o arquiteto Pedro Galeano Blanes e o engenheiro Julio A. Salgado Avila, respectivamente presidente e vice-presidente da União Nacional de Arquitetos e Engenheiros da Construção de Cuba, passaram pelo Brasil, no mês passado, para ajudar na divulgação do congresso.

Galeano e Julio estiveram em Belo Horizonte participando do Arqumemória II, quando anunciaram o tema central do encontro em Havana. Será "Arquitetura para a Saúde".



Burle Marx

No mês passado, Burle Marx fez um demorado passeio pelo parque do Flamengo. Ali conferiu, pormenorizadamente, o resultado do projeto que ele realizou e que produziu tantos frutos. Depois, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, disse: "É emocionante a gente plantar e, mais tarde, descobrir que os efeitos foram bons. O tempo é fundamental num trabalho como esse. Ele se incumbem de completar o pensamento".

Tortura Nunca Mais. O projeto do monumento elaborado por Oscar Niemeyer continuava, até fins do mês passado, estimulando saudáveis polêmicas. É que estava muito difícil encontrar um local adequado para construí-lo. Outro ponto polêmico diz respeito ao desenho. Aqueles que defendem o trabalho argumentam que o desenho é cheio de simbolismo. Deve ser visto a partir da idéia que ele expressa. E expressa muitas idéias.

A arquiteta Regina Célia Brunozi de Ruiz, que há algum tempo deixou o Brasil para lecionar arquitetura na Universidade de Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, visitou recentemente a *Projeto*. O objetivo era acertar "intercambios de trabajos de investigación y publicaciones". Ora, Regina, se este intercâmbio já existe na alma e no pensamento, é claro que não há qualquer dificuldade em materializá-lo na prática.

A Fundação Nacional das Artes (*Funarte*), que há cerca de dez anos ocupa mais de 50% do edifício do Museu Nacional de Belas-Artes, na Cinelândia, deverá arrumar as malas para mudar-se desse local até o final do ano. A entidade ocupará seis andares do Palácio Gustavo Guanabara, também localizado no centro histórico do Rio.

Fábio Goldman diz ter ficado surpreendido. Ele estava realizando as negociações com vistas ao retorno do Brasil ao Conselho da UIA quando soube de sua

indicação à vice-presidência do Conselho Ibero-Americano de Associações Nacionais de Arquitetos (CIANA). Ele argumenta que não sabe ainda como compatibilizar seu tempo para atender a mais esse compromisso.

Arte e Paisagem, livro de Burle Marx, lançado no dia 26 do mês passado no Rio de Janeiro, no cenário do Paço Imperial. A obra reúne onze das principais conferências do paisagista, cientista e artista plástico. Quem se atreve a deixar de ler Arte e Paisagem?

O IAB/BA considera que não existe hoje uma política, em Salvador, capaz de dar solução ao problema habitacional da cidade. O arquiteto Edgar Ramos, ao participar de um debate promovido pela prefeitura local, mostrou que os números não mentem: enquanto são necessárias, pelo menos, 10 000 novas habitações por ano, na cidade, a administração municipal construiu em dois anos apenas 250 casas, em Coutos. Pelo visto vai ser muito difícil ela cobrir a diferença.

O italiano Francesco Tentori, antigo conhecido do Brasil, esteve novamente em visita ao país, no mês passado, dessa vez a convite de Pietro Maria Bardi. Tentori esteve no Brasil em diversas ocasiões no período de 1972 a 1974. Segundo Bardi, a evolução das idéias do arquiteto da Itália sobre a arquitetura e as necessidades sociais da cidade contemporânea levarão-no a contestar "um modelo baseado no movimento pendular cotidiano de quantidades crescentes de população urbana e a revalorizar o modelo da primeira década moderna, baseado na maior contiguidade entre residências e lugares de trabalho, também nas grandes concentrações metropolitanas".